

Macau à janela do Brasil

H e r m a n o V i a n n a

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM OS MACAENSES QUE moram no Brasil aconteceu durante a apresentação de uma dança do leão no centro da cidade de São Paulo. Os músicos que acompanhavam a dança não encontraram instrumentos chineses nas lojas brasileiras. Por isso improvisaram: no lugar do *xiao tang-gu* ou do *dagu* tocavam um atabaque que não ficaria muito deslocado num terreiro de candomblé. Conversando com o mais jovem dos instrumentistas, descobri que ele havia nascido no Brasil, e por muito tempo se considerava apenas brasileiro. Mas agora cultiva com orgulho sua identidade macaense, com os meios que tem ao seu alcance, aqui do outro lado do «*mundo da língua portuguesa*». Depois da dança, todo o grupo foi matar as saudades de Macau, almoçando num restaurante chinês que não consta em nenhum guia gastronômico da cidade. Fica em baixo da Associação Cultural Cantonesa, na Liberdade, bairro mais conhecido pela culinária japonesa. Ao entrar nesse restaurante, entendi a razão de tanta saudade: fui imediatamente transportado para Macau. A língua portuguesa ficou na calçada, no letreiro sobre a porta de entrada. Do lado de dentro, falava-se apenas – imagino, mas estou longe de ter certeza – cantonês. O cardápio continha lindos ideogramas, e não adiantava pedir sugestões para quem aceitou o desafio de me servir. Meu pedido, escolhido exactamente por acaso (como geralmente acabava acontecendo em Macau), foi recebido com o olhar assustado e desaprovador do pessoal do restaurante. Que fazer? Pelo que conheço de sua história e sua cultura, aquele também não seria um ambiente exactamente familiar para os macaenses. É claro, eles podem até saber falar cantonês, mas os «verdadeiros» chineses, os não-mestiços, conseguem facilmente reconhecer sua diferença, tanto física quanto cultural. A culinária típica macaense não seria o *dim sum* mas sim a cabidela de pato ou o arroz chau-chau. É portanto surpreendente que os «filhos da terra» que vivem

fora do «Território» matem a saudade de «casa» em ambientes tão pouco mestiços, ou que passem também a cultivar tradições, como a dança do leão, que eram vistas como exóticas e apenas praticadas pelos «verdadeiros» chineses de Macau. Talvez essa seja uma mudança vivida por toda a diáspora macaense, espalhada pelos mais diversos continentes. Os «filhos da terra» buscam elementos mundialmente reconhecidos como chineses para marcar sua diferença com relação às culturas dos países que os adoptaram, assim como – no Território – tentaram se manter afastados do «peso aglutinador» da cultura chinesa. Mas isso não quer dizer que o macaense, na diáspora ou mesmo numa Macau controlada politicamente por Pequim, vá submergir em outra diáspora, a cantonesa, há muito tempo consolidada planeta afora. Os «filhos da terra», fora de Macau, redescobrem nostalgicamente os laços que os ligam com a China, mas não deixam de encontrar sua própria maneira de valorizar esses laços. Não é uma cultura que está a morrer, mas uma nova identidade macaense (mais chinesa, por que não?) que está a ser inventada. Os macaenses, que sempre viveram entre culturas mais poderosas e com pretensões imperialistas (a chinesa, a portuguesa, entre outras), desenvolvem – desde 1500 e tantos – estratégias para lidar com os problemas da constante (re)invenção identitária, buscando manter sob seu controle os espaços duramente conquistados. As lições de sua história devem servir como material de reflexão para outros povos, entre eles o brasileiro, que também inventaram inesperados motivos para se orgulhar de sua mestiçagem. Uma comparação do caso macaense com o caso brasileiro, ainda por fazer, poderia iluminar aspectos centrais de suas antropologias. Apesar das diferenças óbvias, é claro. Ou precisamente por causa delas. Pois são as diferenças que logo chamam a atenção do brasileiro que pisa em Macau pela primeira vez. Não as diferenças mais evidentes, advindas do fato de

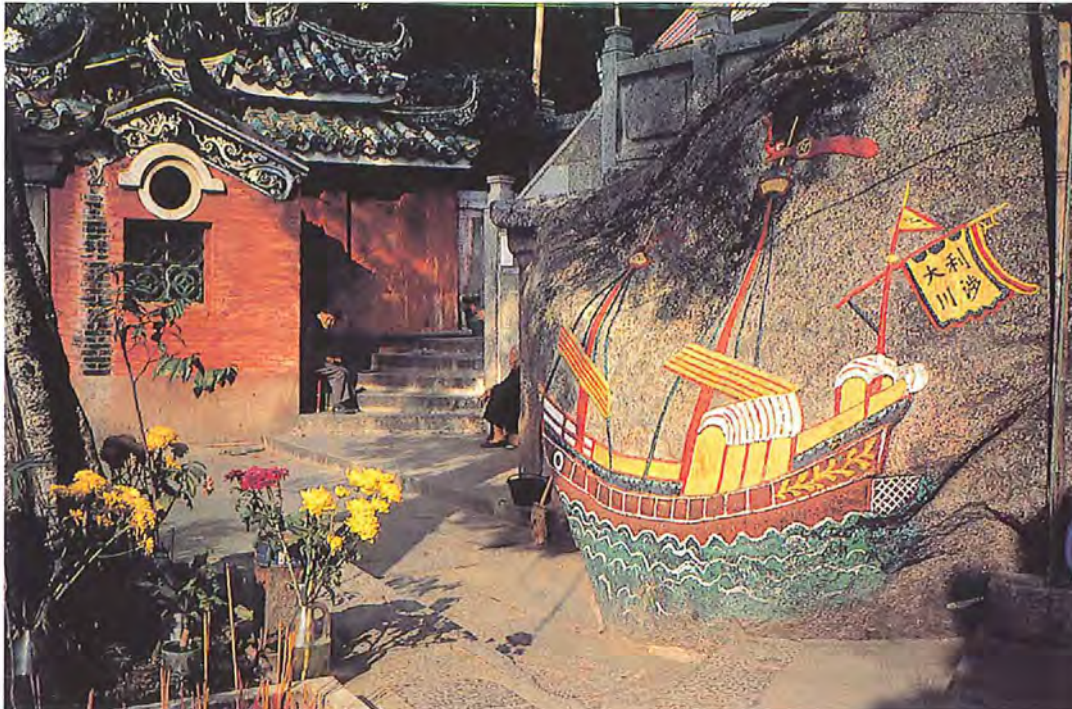
estarmos em pleno Oriente, mas aquelas que mostram como séculos de colonialismo português produziram realidades mestiças absolutamente contrastantes, na América e na Ásia. O Brasil tem uma área de 8.547.403,5 km². Macau possui apenas 18,7 km². Isto é, caberiam cerca de 450.000 Macaus no Brasil. Tamanho, nesse caso, não é documento. A área reduzidíssima da colônia asiática (que nunca chegou a ser «exactamente» uma colônia, mas esse é outro problema) não se traduziu em maior controle cultural, por exemplo. Apesar da vastidão do território brasileiro, a colonização portuguesa foi extremamente eficiente na imposição de uma única língua mesmo em seus mais longínquos recantos e para seus mais resistentes grupos étnicos nativos ou de imigrantes. Em Macau, cuja totalidade de sua área pode ser percorrida a pé em poucas horas, apenas 3 a 4 por cento da população fala português. Além disso, se acreditarmos no mito que nos ensina que a mais interessante característica da aventura colonial portuguesa foi o «incentivo» à mestiçagem (tanto de «raças», quanto de culturas), veremos que nesse assunto a disparidade entre o Brasil e Macau é certamente perturbadora. O Brasil produziu – misturando tradições portuguesas, africanas e indígenas (diz o tal mito...) – o samba, a feijoada e a mulata, logo transformados em exportáveis símbolos nacionais. Já em Macau, o mundo português e o mundo chinês parecem ter vivido todos esses séculos em coabitação, mais ou menos pacífica, mas não em verdadeiro intercâmbio que pudesse gerar uma mistura luso-chinesa realmente disseminada. Até a palavra «macaense» não tem a mesma abrangência que o nosso «brasileiro». Como sabemos, no seu uso quotidiano, macaense não designa todas as pessoas que nascem em Macau, mas sim os mestiços, filhos geralmente de portugueses com asiáticas. Esses mestiços não chegam a somar quinze mil pessoas, uma parcela muito pequena diante de uma popu-



Dança do Leão. Fotografia de Eduardo Grilo.

lação total de cerca de meio milhão de habitantes. Enquanto isso, do lado de cá, no Brasil, *«todo mundo é mestiço»*. Parece então que Macau é um fracasso dos ideais culturais simultaneamente catequizadores e pró-mestiçagem do Império lusitano. Parece que Portugal parou na porta da China, não entendeu nada, e agora vai embora sem deixar vestígios. Porém, quem visita Macau entende rapidamente que não é bem esse o caso. Tudo ali apresenta-se como uma prova de que o colonialismo português não teve uma face monolítica e soube se adaptar espertamente – ou cruelmente, tudo depende do ponto de vista – às realidades específicas que foi encontrando mundo afora. Apesar dessas diferenças, é possível que o brasileiro sinta uma familiaridade muito estranha ao visitar Macau, sentimento que não nasce apenas de seus passeios sobre pedras portuguesas e da utilização de sua língua «nativa» em nomes de lojas e placas de ruas. Os macaenses, apesar de minoritários, souberam, ao longo dessa História toda, exercer uma subtil tarefa de mediação

transcultural que não tem paralelo em Hong Kong, território que até recentemente tinha administração britânica. Os sinais concretos de sua presença só podem ser percebidos por olhares muito curiosos, mas seu conjunto cria um ambiente que atua imperceptivelmente como antídoto contra as tendências ao etnocídio ou ao *apartheid* que marcam os encontros entre grupos étnicos tão diferentes e tão arrogantes na defesa de seus respectivos pontos-de-vista. Os macaenses, com sua habilidade mediadora, poderiam ser peças chaves da «transição» para a administração dos chineses (que não «termina» em 1999). Também poderiam vir a exercer uma grande influência – mesmo que subtil, mesmo que quase sempre invisível – na vida económica e política da nova «*região administrativa especial*», traduzindo visões de mundo e estilos de vida entre o Oriente e o Ocidente. Para isso alguns «filhos da terra» já estão bem preparados. Um exemplo divertido: há dois anos atrás, conheci um macaense que possuía três celulares, um número de Macau, um de Hong Kong e outro da China. Todos eles – novos negócios para um novo tempo! – não paravam de tocar. Mas esse é, aparentemente, caso minoritário dentro de uma minoria. Estudo do antropólogo Carlos Piteira mostra que 95% dos macaenses pretendem deixar o Território com a «transição». Mas ninguém sabe ao certo qual vai ser o futuro de Macau depois de 20 de Dezembro. O mais triste que pode acontecer é ver o Território transformado num subúrbio de Hong Kong ou num apêndice pitoresco do capitalismo comunista de Guangzhou. A Macau portuguesa, que nunca chegou a ser propriamente portuguesa, corre o risco de se tornar apenas numa lembrança de macaenses ou de viajantes como eu, que um dia se sentiram lusitanamente em casa andando pelas ruas de seus bairros mais tipicamente orientais. Recordações de todos os estilos: nunca vou me esquecer da noite em que entrei no clube A Tribo, situado num conjunto habitacional chi-



Templo de A-Ma.
Fotografia de Ricardo Fonseca.

nês, propriedade de um empresário do Sri Lanka, e frequentado por macaenses, timorenses e africanos de língua portuguesa que adoravam «dançar quizomba». Também vai ficar para sempre em minha memória um passeio pelo Jardim de Lou Lim Ieoc, o mais lindo e o mais chinês da cidade, talvez do mundo, onde imitei o poeta Eugénio de Andrade: *«Deste Jardim o que levo comigo / é um ramo de bambu para servir / de espelho para o resto dos meus dias»*. Espelho que teima em reflectir minha imagem como que imersa num sonho psicadélico de Agostinho da Silva, onde o mundo da língua portuguesa instaura o Quinto Império do Divino Espírito Santo, e todos nós seremos *«enamorados do imprevisível»*. Enamorar-se do imprevisível não significa ficar esperando passivamente o futuro. É um dever de todo o mundo da língua portuguesa, e não só de Portugal, fortalecer a cultura macaense, não importa onde ela

sobreviva, e não importa também a nova (e imprevisível) forma que ela assuma. Sem os filhos daquela tão oriental terra, a lição luso-tropicalista/mestiça que um dia pretendemos (ainda pretendemos? responda-nos, Gilberto Freyre...) dar para o mundo perderia irreparavelmente grande parte da sua força e complexidade. Sou optimista. Que todos nós, mestiços, possamos ser também um pouco macaenses! Que apareça logo o novo rap em patuá! Que invente-se o *dim sum* de bacalhau! Que multiplique-se a dança do leão acompanhada por atabaques! Que A-Ma, a Iemanjá chinesa, divindade marítima da Baía de Macau, abençoe todas essas novidades, e acelere sua circulação pelos oceanos nunca dantes navegados da Internet, da globalização e da mutante diáspora macaense! Só assim, ter passado tantos séculos no Território não terá sido – totalmente – em vão. Só assim seremos dignos do imprevisível.